

Globethics Repository



Eleições municipais espanholas [Spanish municipal elections]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy
of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Fachin, Patrícia
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-09-25 13:26:10
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/158273

#DossiêEspanha

Eleições municipais espanholas: conquistas das frentes cidadãs sinalizam abertura de novo ciclo do sistema político

De acordo com Bruno Cava, estão em jogo nesse momento qual a capacidade e que tipos de estratégias as coalizões vencedoras vão utilizar para impactar o poder

Por Patrícia Fachin

De acordo com Bruno Cava, estão em jogo nesse momento qual a capacidade e que tipos de estratégias as coalizões vencedoras vão utilizar para impactar o poder

As eleições municipais espanholas do último final de semana, que elegeram a nova prefeita de Barcelona, Ada Colau, foram “a primeira expressão eleitoral de um ciclo de lutas iniciado com as revoluções árabes em dezembro de 2010 que foi bastante intenso na Espanha, a partir do Movimento do 15 de Maio (15M)¹ de 2011”, comenta Bruno Cava em entrevista concedida à **IHU On-Line** por e-mail.

Na avaliação do pesquisador, Ada representa “o rosto dessa geração de militantes e novos movimentos” que se opõem ao PSOE e ao PP. A eleição da nova prefeita, pontua, “não se trata apenas de um discurso cidadão em prol do ‘social’, algum tipo de populismo raivoso e oportunista, mas de toda uma estética e uma lógica organizativa que são de novo tipo em relação às forças partidárias existentes, e que por isso contagiaram cidades inteiras com a força do comum. Existe então uma grande expectativa pelas inovações que o Barcelona em Comum, sob os signos de Ada e da PAH, vai ousar nos próximos anos”, frisa.

Se de um lado os movimentos Barcelona em Comum² e do Ahora Madrid³ alcançaram um número significativo de votos nessa eleição, o Podemos, em contrapartida, “aponta para o lado exaurido desse processo”, menciona Cava, ao lembrar das relações do partido espanhol com governos da América Latina e ao chamar atenção para o fato de que o partido não se apoia diretamente no 15M. “É por isso que, paradoxalmente, qualquer refundação do Podemos a fim de se reenergizar para as eleições do final do ano precisaria passar não apenas pela retomada do sentido comum do 15M (e das revoluções árabes), com uma revalorização dos círculos autônomos e novos movimentos, como também por uma reconsideração de sua referência sul-americana”, adverte.

Bruno Cava é graduado e pós-graduado em Engenharia de Infraestrutura Aeronáutica pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica - ITA, graduado em Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ e mestre em Direito na linha de pesquisa Teoria e Filosofia do Direito. É blogueiro do Quadrado dos loucos e escreve, participa da rede Universidade Nômade e é coeditor das revistas Lugar Comum e Global Brasil.

A entrevista foi publicada no sítio do IHU no dia 29-05-2015, e está disponível em <http://bit.ly/1LNCZqP>

Confira a entrevista.

2 Barcelona en Comú (Catalão para Barcelona em comum, anteriormente conhecido como Guanyem Barcelona): é uma plataforma de cidadãos cujo objetivo é reunir organizações sociais e políticas progressistas com vistas às eleições da cidade de Barcelona 2015. Sua agenda política é desenvolvida através de uma série de processos participativos, inclui a defesa da justiça social e dos direitos da comunidade, promover a democracia participativa, a introdução de mecanismos para combater a corrupção, e o desenvolvimento de um novo modelo de turismo de Barcelona. (Nota da **IHU On-Line**)

3 Agora Madrid: partido político espanhol auto-definido como “candidatura cidadã de unidade popular” e constituído “partido instrumental sem vida orgânica” com o objetivo de apresentar-se às eleições municipais de 2015 em Madrid. (Nota da **IHU On-Line**)

¹ **15M:** O Movimento 15-M, também chamado de “Movimiento de los indignados”, é um movimento popular formado na sequência da manifestação de 15 de maio de 2011 (organizada por diversos coletivos), quando depois que 40 pessoas decidiram acampar uma noite na Puerta del Sol espontaneamente, houve uma série de protestos pacíficos na Espanha. O objetivo foi promover uma democracia mais participativa longe do bipartidarismo e do domínio de bancos e corporações, bem como uma “verdadeira separação de poderes” e outras medidas destinadas a melhorar o sistema democrático. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line - Que avaliação você faz das eleições municipais espanholas? Qual é o significado político da eleição de Ada Colau em Barcelona?

Bruno Cava - Foi a primeira expressão eleitoral de um ciclo de lutas iniciado com as revoluções árabes em dezembro de 2010 que foi bastante intenso na Espanha, a partir do Movimento do 15 de Maio (15M) de 2011. Há uma relação direta entre o 15M e as frentes cidadãs que conquistaram resultados extraordinários nessas eleições. Ada Colau⁴, do Barcelona em Comum (antigo Guanyem), venceu na capital da Catalunha, com 25% dos votos; enquanto Manuela Carmena⁵, do Ahora Madrid, obteve um resultado percentual ainda maior (31%), ficando em segundo lugar por apertada margem na maior cidade da Espanha.

Coalizões cidadãs semelhantes venceram em La Coruña e ficaram em segundo lugar em Cádiz e Zaragoza, além de outros bons resultados noutras cidades pequenas e médias. Os dois partidos tradicionais que se revezam no poder, o Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE)⁶ e o Partido Popular (PP)⁷, juntos desabaram de 80%

4 **Ada Colau Ballano** (1974): ativista social e política espanhola, fundadora da Plataforma de Afetados pela Hipoteca em Barcelona. Foi cabeça de lista nas eleições municipais de 2015 da coligação eleitoral Barcelona na Comu, formação que foi a mais votada. (Nota da IHU On-Line)

5 **Manuela Carmena Castrillo** (1944): jurista espanhol, juiz emérito e eleita prefeita de Madrid em 2015. (Nota da IHU On-Line)

6 **Partido Socialista Operário Espanhol** (PSOE): é um partido político da Espanha, fundado em 1879. Na atual legislatura 2011-2015 é o principal partido da oposição. Faz parte do Partido Socialista Europeu. (Nota da IHU On-Line)

7 **Partido Popular (PP)**: partido político conservador da Espanha fundado em 1989, definido nos seus estatutos como de centro reformista. Tem a sua origem em Aliança Popular, quando se uniu com o Partido Democrata Popular e Partido Liberal Espanhol em 1989. É um dos dois partidos majoritários da Espanha, junto ao Partido Socialista Operário Espanhol, de âmbito estatal com representação nas Cortes Generales. Faz parte do Partido Popular Europeu (PPE), da Internacional Democrata de Centro (IDC), e da Unión Internacional Democrata (IDU). Sua organização juvenil são as Nuevas Generaciones (NNGG). No Congresso Nacional de 2008, Mariano Rajoy foi reeleito Presidente Nacional e María Dolores de Cospedal, Secretária-Geral. (Nota da IHU On-Line)

para 50% dos votos válidos. O PP perdeu as maiorias absolutas nas 10 comunidades que governava. Portanto, são resultados históricos que sinalizam a abertura de um novo ciclo institucional, sinalizando uma tendência de esgotamento do sistema político representativo conhecido por "Régimen de 1978", isto é, o regime da redemocratização pós-ditadura franquista. O significado extrapola o cenário espanhol ao demonstrar como é possível transpor o ciclo de lutas para a ocupação de instâncias de poder, com alto poder de contágio no resto da Europa e no mundo. Põe-se em questão, daqui por diante, qual a capacidade e com que estratégias essas coalizões vencedoras poderão impactar as formas de poder na fugidia e vacilante franja entre instituições e mobilizações.

IHU On-Line - Pode-se dizer que essa eleição é fruto das mobilizações que ocorrem na metrópole, ou seja, é fruto do comum?

Bruno Cava - Todos os temas de protesto do 15M reapareceram com força nesta eleição: "Não pagaremos pela sua crise", "Não nos representam", "Democracia real já", "Não somos mercadoria nas mãos de banqueiros e políticos"... As campanhas de Barcelona em Comum (BC) e Ahora Madrid (AM), apenas para ficar nas duas principais cidades, foram construídas com o apoio entusiasmado de redes, mídias e coletivos que, nas palavras do pesquisador Bernardo Gutiérrez, compõem o "ecossistema do 15M". Ou seja, sem a estrutura tradicional de financiamento dos partidos tradicionais, BC e AM funcionaram quase que exclusivamente devido a uma rede de alta intensidade que ocupou as redes sociais, as assembleias de bairro e as tertúlias (grupos de discussão na cidade), gerando um efeito de escala. Foi uma ação do tipo "multicamada", em que dinâmicas moleculares (redes transversais de singularidades) sustentam um efeito molar (tomada do poder), ao mesmo tempo que a vontade de vencer o Régimen no plano eleitoral (as campanhas) realimentam uma agitação no nível molecular (novos agenciamentos).

Nisso, o processo de mobilização tocou um nervo positivo do trabalho metropolitano contemporâneo, ao fomentar uma disputa no tecido biopolítico em que funciona a metrópole hoje, onde molar e molecular são duas dimensões articuladas e indissociáveis das formas de produção e controle.

IHU On-Line - Como as eleições municipais espanholas são interpretadas à luz do conceito de comum?

Bruno Cava - O "comum" é um conceito que explica o ciclo de lutas das revoluções árabes, 15M, Occupy, Gezi Park na Turquia, mobilizações na Islândia, no Iêmen, na China, jornadas de junho no Brasil, praça Maidan na Ucrânia, e um longo etcétera de novos coletivos, ocupações e lutas. O comum, declinado no singular (e não 'commons') explica porque essas não são lutas unicamente políticas, como se fossem apenas um antagonismo ao capitalismo globalizado e integrado. São lutas que exprimem também uma nova composição do trabalho vivo, com múltiplas dimensões simultâneas: são políticas, econômicas (o comum é produtivo), biopolíticas (produzem formas de vida), cosmológicas (trazem outras concepções de natureza, de humano, da Terra). Antonio Negri⁸, por exemplo, quando fala do "comum em revolta", aponta como mesmo as revoltas mais destrutivas e antagonistas trazem, atrás do "não", um "sim" maior, uma positividade de reexistência e novos arranjos produtivos e de vida.

8 **Antonio Negri** (1933): filósofo político e moral italiano. Durante a adolescência, foi militante da Juventude Italiana de Ação Católica, como Umberto Eco e outros intelectuais italianos. Em 2000 publicou o livro-manifesto *Império* (5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003), com Michael Hardt. Em seguida, publicou *Multidão. Guerra e democracia na era do império* (Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2005), também com Michael Hardt – sobre esta obra, publicamos um artigo de Marco Bascetta na 125ª edição da IHU On-Line, de 29-11-2004. O último livro da "trilogia" entre os dois autores Commonwealth (USA: First Harvard University Press paperback, 2011), ainda não foi publicado em português. (Nota da IHU On-Line) (Nota da IHU On-Line)

Barcelona em Comum e Agora em Madrid, mais do que grupos que aspiram a tomar uma esfera política, exprimem um complexo de fatos de vida que estão muito além de uma vontade de poder: está em questão toda uma forma de organizar a vida, de viver a democracia, a organização, a produção social e colaborativa. Essa multiplicidade não pode ser reduzida a mero multiculturalismo, como se fossem apenas plataformas voltadas a exprimir a diversidade de pautas. Não. A indignação que as impele contra o sistema político existente, o Régimen, é baseada nessa multiplicidade.

O comum é antagonista, porque as formas existentes de exploração e dominação não podem admitir uma alternativa capaz de produzir governamentalidade e, efetivamente, destituir e substituir o poder. Isto exprime o grau de aposta, e de desafio, dessas plataformas. O "poder do Podemos", como explica o pesquisador madrileno Raúl Sánchez Cedillo, consiste nessa multiplicidade criativa e conflitiva do comum. E é essa a única força capaz de, efetivamente, mudar a "correlação de força" e impedir, daqui por diante, uma reocupação pelas instâncias do Régimen montado sobre a farsa bipolar entre PP e PSOE.

**IHU On-Line - Ada Colau, ao longo dos últimos anos, atuou como porta-voz da Plataforma dos Afe-
tados pela Hipoteca - PHA. Por que e em que medida Ada Colau se torna uma alternativa política em relação aos demais representantes políticos espanhóis?**

Bruno Cava - Ada Colau é uma militante e co-organizadora do principal movimento autônomo da Espanha, que foi um dos maiores protagonistas do 15M. A PAH existe desde 2009 com um programa contra os despejos pelo não pagamento de prestações da casa própria. Mas não só. É um programa de resgate cidadão, em meio a medidas de austeridade fiscal e repressão de movimentos adotadas indistintamente pelas forças políticas nos governos. Mais do que reivindicar ações diante dos governos e suas falsas polarizações, a PAH constitui a própria rede de solidaria-

de, com foco na moradia, endividamento, ajudando os imigrantes sem documentos e acesso à saúde, exercitando o autogoverno e a cooperação transversal. A PAH se desenvolveu bastante, quantitativa e qualitativa com o 15M de 2011, se desdobrando em mais de 150 núcleos pelo país, com concentração na Catalunha.

Ada é o rosto dessa geração de militantes e novos movimentos, em total contraposição aos burocratas cínicos do PSOE ou do PP. Não se trata apenas de um discurso cidadão em prol do "social", algum tipo de populismo raivoso e oportunista, mas de toda uma estética e uma lógica organizativa que são de novo tipo em relação às forças partidárias existentes, e que por isso contagiaram cidades inteiras com a força do comum. Existe então uma grande expectativa pelas inovações que o Barcelona em Comum, sob os signos de Ada e da PAH, vai ousar nos próximos anos.

IHU On-Line - Quais os desafios que ela enfrenta no sentido de governar mantendo o apoio às lutas populares contra as hipotecas?

Bruno Cava - A hipótese municipalista se baseia na avaliação de que é preciso primeiro tomar o que é mais próximo, mais concreto, mais rápido. É preciso começar de algum lugar e a escala da cidade é entendida, segundo essa hipótese, como o primeiro terreno para medir forças com a classe dominante e a sua armadura de consensos e polícia.

No entanto, esse municipalismo não pode ser confundido com um localismo romântico, como se fosse possível construir um enclave de comum em meio à devastação da crise política-econômica. Isso já não funcionou com a Comuna de Paris, no século XIX, que dirá no momento em que a metrópole é imediatamente atravessada por processos globais de financeirização, que fagocitam com grande facilidade áreas de "autogestão" e/ou "sustentabilidade".

A hipótese municipalista só tem vigor, portanto, quando dotada de força de propagação, quando puder ser exercitada em muitas cida-

des, de maneira disseminada. Por isso, é fundamental que não haja ilusões de que enclaves ou localismos resolverão qualquer problema, mas uma preocupação estratégica em concatenar governos municipais entre si e com forças para além dos limites territoriais e noutras escalas.

IHU On-Line - Quais as diferenças das eleições e dos movimentos que ganharam expressão em Madri e Barcelona?

Bruno Cava - Ambos têm uma dimensão tática declarada: ganhar as eleições de 2015. São, por isso, abertamente "eleitoralistas". O primeiro tabu que esses grupos enfrentaram foi dizer: precisamos e podemos ganhar eleições. Nisso, tiveram que romper com dogmatismos movimentistas ou anarquistas, que são os primeiros a condenar a organização eleitoral como "projeto de poder" ou "oportunismo". Pois é, de fato, um projeto de poder e é oportunista: como tem de ser, num momento em que os movimentos e ativismos vivem uma sequência de impasses, derrotas e autofagias (devorando-se uns aos outros, culpando-se, desmobilizando-se).

É uma saída fácil? Certamente que não, e só quem participou desses processos sabe do grau de cerco midiático, político e afetivo que seus ativistas e articuladores enfrentaram. O sucesso veio, em meio a tudo isso, graças à capacidade de dosar a indignação incontornável com a composição de diferentes, o que significa deixar de lado tabus, dogmas, símbolos sagrados. Nenhuma dessas plataformas venceu apenas dizendo seu nome, como se defendesse uma ideia ou uma bandeira.

Barcelona em Comum foi um espaço de confluência, preenchido por novos movimentos como a PAH e as Mareas (como a Marea Branca, ligada à pauta da saúde), mas também setores ambientalistas e esquerdistas, inclusive vindos de setores críticos de partidos pequenos como a Esquerda Unida (IU) e Equos, e uma capacidade fina de compor com pessoas que não participavam de nenhum ativismo ou

movimento mais organizado, e que estavam indignadas com a crise econômica, a corrupção e a falta de perspectiva.

O Agora Madrid vem de um processo semelhante, um pouco menos estruturado, de confluência entre grupos de contestação do consenso bipartidário PP-PSOE sem deixar de lado a inovação organizativa, tais como o "EnRed" e o "Alternativas desde Abajo". O Agora Madrid não tinha uma figura como Ada, mas mesmo assim fez uma campanha envolvente a partir da criatividade em rede.

IHU On-Line - Quem são os ativistas do Guanyem e do Barcelona em Comum? Em que eles se diferenciam do Podemos?

Bruno Cava - O Podemos está concentrado na disputa da eleição nacional espanhola, marcada para o segundo semestre. O Podemos não participou diretamente das eleições municipais, concorrendo apenas nas regionais (ou "autônomicas"). Nelas, tiveram um resultado modesto, com uma média nacional de 12% dos votos. Depois de conquistar 8% dos votos nas eleições ao Parlamento Europeu em maio de 2014, o Podemos impressionou ao tomar a dianteira nas pesquisas eleitorais, ultrapassando PP e PSOE, oscilando na faixa entre 20 e 30% das preferências. Além de aderir às coalizões de Barcelona em Comum e Agora Madrid, o Podemos contribuiu na medida em que sua emergência no último ano gerou uma onda de otimismo sobre a possibilidade de concorrer e vencer contra os grandes partidos. Existem semelhanças e diferenças entre o processo Podemos e os de Agora Madrid e Barcelona em Comum, mas nenhum dos três existiria sem o 15M, que produziu o "comum" a partir do que cada um dos projetos hoje se apoia.

Alguns analistas traçam uma dicotomia apressada entre Podemos e as plataformas municipalistas, a fim de fazer a apologia ou a condenação de um ou outro aspecto, segundo as várias estratégias de composição (ou crítica) desses processos.

Em linhas gerais, basicamente, o Podemos teria uma linha verticali-

zante e centralista, operando com uma cúpula de expertos comunicadores, em busca de uma ligação sem mediações com o "cidadão comum", com maiorias sociais, com aqueles que, para além dos signos de esquerda ou direita, querem uma renovação da política que reconduza a economia a sua função social.

Então, a verticalização seria necessária, para aproveitar a oportunidade histórica das eleições de 2015: sem uma alternativa de poder, o Régimen não teria como ser destituído somente pelos movimentos de luta. Além disso, não é possível uma "síntese horizontal" dos movimentos e redes, sendo necessário um tipo de "cadeia de equivalentes" para servir de guarda-chuva ao espírito do 15M.

O hegemonismo do Podemos, com essa superconcentração comunicativa na cúpula, seria um mal necessário a fim de derrotar eleitoralmente o bloco bipolar PP e PSOE e ocupar o poder. Já Barcelona em Comum e Agora Madrid seriam mais horizontais, mais movimentistas, mais fiéis à utopia do 15M, e por isso menos dependentes da ocupação dos grandes meios de comunicação e da ação conjunturalista de cúpulas estratégicas, a quem deveríamos conceder um mandato excepcional e temporário, quase um tipo de "ditadura comissária" da multidão, a fim de não deixarmos passar a "janela histórica" de tomada do poder.

Essa contraposição, no entanto, tem limitações claras, a situação é mais complexa do que isso. As relações entre Podemos e as plataformas municipalistas são sobretudo de interpenetração e não de separação. Assim como Pablo Iglesias do Podemos, Barcelona em Comum e Agora Madrid necessitaram de um rosto expressivo (Ada Colau e Manuela Carmena) para fazer convergir a indignação e o desejo de mudança. Todos os três convergiram num programa mínimo de resgate cidadão, sem se deixarem rotular pelos discursos, signos e tradições já existentes, à direita ou esquerda. E ambas as plataformas municipalistas souberam driblar rótulos, evitar teses defensivas, para afir-

mar uma síntese de indignações e desejos numa nova força.

A diferença, talvez, esteja no fato que nem Ada nem Manuela contrapuseram estratégia hegemônica x tática de movimento, teoria do discurso hegemônica x militância "grassroots", conseguindo assim uma síntese mais ampla e mais potente. Por isso, o Podemos precisa aprender com o 24M eleitoral para reorientar seus rumos na direção do que é mais potente, com vistas à eleição nacional no segundo semestre. O "poder do Podemos" é o 15M em seu manancial de vitalidade política e organizativa, e não uma "máquina de guerra eleitoral".

IHU On-Line - Quais as implicações de o Podemos se inspirar nas visões políticas do "comum" que surgiram na América Latina, como Bolívia, Equador e Venezuela?

Bruno Cava - O Podemos reivindica a experiência de governos na América do Sul, como Bolívia, Equador, Paraguai e Venezuela, por onde passaram os membros de sua cúpula, na qualidade de pesquisadores e consultores governamentais, ao longo da década passada. O antropólogo argentino Salvador Schavelzon, num artigo recente, escreveu essencialmente que o Podemos faz uma tradução cultural enviesada dessas experiências. Para ele, o que há de mais inovador e democrático nas experiências constituintes sul-americanas consiste num novo paradigma de desenvolvimento endógeno e pluridimensional, assentado sobre as lutas e modos de vida indigenistas: o "bem viver"; bem como a capacidade não de criar um poder indígena, mas de indigenizar o poder, por exemplo, com a matriz boliviana da plurinacionalidade.

O Podemos levaria à experiência espanhola pós-15M, em vez dessa riqueza cosmológica e biopolítica, apenas o foco no "social", segundo uma tradição histórica populista e hegemônica da América Latina. Isto aparece, por exemplo, na ausência de proposta plurinacional para Catalunha, País Basco e Galícia, assim como numa visão econô-

mica essencialmente keynesiana⁹ de seu programa econômico.

Como escrevi com Alexandre Mendes ao *Le Monde Diplomatique* de maio, eu concordo em parte com essa análise. O esgotamento do ciclo constituinte na América do Sul não se dá, me parece, apenas pelo esgotamento da abertura aos movimentos indigenistas, sindicalistas de novo tipo ou altermundistas (como defendem, por exemplo, a boliviana Raquel Gutiérrez ou o uruguaio Raúl Zibechi); como se os governos “progressistas” deixaram de sê-lo a partir de um determinado ponto. Esse esgotamento se dá, sobretudo, pela incapacidade de os governos lidarem com uma mutação na composição de classe que foi contemporânea aos próprios governos e que não estava, portanto, apenas no ciclo insurgente que determinou a tomada do poder.

Para além de movimentos e identidades subalternas, que tiveram o seu papel parcial nesse esgotamento, este está associado também à transformação da produção social nas condições do subdesenvolvimento, a uma transformação que excedeu as instituições políticas e econômicas com que os governos constituíram uma governamentalidade (na acepção de Foucault). Essa mutação, exprimida por exemplo no

9 Keynesianismo: pensamento da Escola Keynesiana. Teoria econômica consolidada por John Maynard Keynes, que consiste numa organização político-econômica oposta às concepções liberais. Sua base é a afirmação do Estado como agente indispensável de controle da economia. O objetivo é conduzir a um sistema de pleno emprego. (Nota da **IHU On-Line**)

levante brasileiro da multidão de junho de 2013, é a mesma das revoluções árabes. Aqui não há nenhuma “ideia fora do lugar”, nenhum nivelamento despropositado, mas a compreensão que a dimensão global do ciclo de lutas deriva de uma nova composição de classe que é global - de resistência e êxodo de um capitalismo, que há 40 anos se apresenta globalizado e financeirizado. É fácil acusar generalizações e exigir respeito à diferença geográfica: o difícil é apreender a dimensão global no local e vice-versa, o que o capitalismo aliás faz muito bem desde pelo menos os anos 1970.

O tecido biopolítico ultraconectado da metrópole energizou as revoluções árabes, revoluções já de novo tipo e que não podem ser explicadas, em chave colonialista, como meras revoltas pelo pão ou, em tom liberal, pela democracia contra arcaicas ditaduras. O 15M espanhol já é, de fato e de direito, essa nova composição de classe mundial, contagiada desde a Praça Tahrir e a insurreição de Túnis. Por isso, hoje sucede um grande quiproquó interoceânico: os indignados do Podemos fazem referência aos governos “progressistas” na América do Sul no exato momento em que estes se esgotam enquanto poder constituinte, mas o esgotamento tem a ver, antes de qualquer coisa, com a afirmação de uma nova positividade do trabalho na metrópole, uma nova composição de classe frente ao capitalismo global. Esta positividade biopolítica é a mesma que, irrompida das revoluções árabes, catalisou o

ecossistema do 15M de 2011, e que viria, por sua vez, com quatro anos de desdobramentos, impasses e encruzilhadas, propiciar a existência de algo como o Podemos.

O enigmático aqui é que o Podemos discursivamente aponta para o lado exaurido desse processo (governos na América do Sul, especialmente o venezuelano), em vez de se apoiar diretamente no 15M, que já seria um passe qualitativo aos impasses das lutas globais (e do próprio Podemos). É por isso que, paradoxalmente, qualquer refundação do Podemos a fim de se reenergizar para as eleições do final do ano precisaria passar não apenas pela retomada do sentido comum do 15M (e das revoluções árabes), com uma revalorização dos círculos autônomos e novos movimentos, como também por uma reconsideração de sua referência sul-americana.

A recente saída de Juan Carlos Monedero, o podemita da cúpula mais ligado ao chavismo, não pode ser encarada apenas como uma concessão aos ataques difamatórios, um reconhecimento de fraqueza diante da campanha de “desconstrução”, promovidos pelo status quo PP-PSOE, mas como uma oportunidade, antes que seja tarde demais, para uma refundação. Nisso, está em jogo não apenas o “poder do Podemos” e sua desejada eficácia no voto. Mas o devir de um inteiro ciclo global que, num tempo crítico de embates e reviravoltas, aguçou os corações de quem deseja mudar o mundo e a sua própria existência nele. ■

LEIA MAIS...

- **Metrópole como usina biopolítica.** Artigo de Bruno Cava, publicada na revista **IHU On-Line** 464, de 27-04-2015, disponível em <http://bit.ly/1AyAqYA>
- **O lastro da crise: peemedebismo é a lógica que sustenta o PT.** Entrevista com Bruno Cava, publicada na revista **IHU On-Line** 461, de 23-03-2015, disponível em <http://bit.ly/1ACnY9W>
- **A esquerda e o desejo por trás do rugido da plebe.** Entrevista com Bruno Cava, publicada nas **Notícias do Dia**, de 05-07-2013, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/K1bX4l>
- **A esquerda desconectada e o impasse das novas manifestações.** Entrevista com Bruno Cava, publicada nas **Notícias do Dia**, de 15-04-2015, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/K1bX4l>
- **A reeleição de Dilma e a síndrome do ‘menos pior’.** Entrevista com Bruno Cava, publicada nas **Notícias do Dia**, de 29-10-2014, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1wCezcM>